

AS INTERFACES DISCURSIVAS NA OBRA “COISAS DA VIDA DE ODILOM PINTO

Magno Santos Batista(UESC)¹
Prof.Dra.Maria D’ Ajuda Alomba Ribeiro (UESC-Orientadora)
E-mail: magnosantos01@yahoo.com.br; dajudaalomba@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo constitui um relato de pesquisa inicial acerca da obra de Odilon Pinto - *COISAS DA VIDA*. Para a análise considerou-se o estilo, o conteúdo e a construção composicional que constituem os gêneros discursivos. Essa premissa bakhtiniana representa, atualmente nos estudos linguísticos, a inserção das análises de textos escritos ou orais a partir do prisma dialógico e enunciativo, ou seja, o processo comunicativo realiza-se através da simetria, assimetria, responsividade que determinam a relação interacional entre os interlocutores. Porque a responsividade condição da dialogia, pressupõe a réplica e treliça que nem sempre são concordantes. A vida é isso uma arena de conflitos, no seu melhor sentido. Além disso, nessa relação interacional os interlocutores deixam marcas particulares que contribuem para a constituição do seu estilo, dentre elas: linguagem coloquial; marcas da oralidade e o humor. E neste momento a minha busca com este artigo é procurar a palavra adequada que define o estilo, quais as marcas identificatórias do narrador que induz o leitor a tornar-se um aliado na arena das palavras e, sobretudo a partir do estilo presente no texto alcançar um possível leitor. Discutir as interfaces discursivas do ponto de vista bakhtiniano na obra “*Coisas da vida*” de Odilon Pinto”, é buscar identificar as marcas estilísticas e compreender como o estilo do narrador determina o seu possível leitor. A metodologia empregada para esta análise é a bibliográfica, tendo como *corpus* os contos do livro e a natureza teórica do artigo compõe-se, principalmente de Bakhtin (2010); Campos (2007); Faraco (2009); Maingueneau (2011). Portanto, acredita-se que os traços marcantes do estilo contribuem diretamente para a formação de leitores reflexivos e críticos, uma vez que o narrador desta obra procura dialogar com o outro que pertence a contextos reais representados nos contos.

Palavras-Chave: Conto; Interfaces; Dialogismo; Estilo; Leitor

Introdução

A obra “*Coisas da Vida*” de Odilon Pinto representa a realidade de inúmeros indivíduos que vivem na região sul baiana. As narrativas penetram em vários universos do cotidiano, a exemplo, da traição, da morte, da ganância, entre outros. Os contos

¹ Discente da disciplina Gêneros e tipos discursivos, ministrada pela prof^a. Dra. Vânia Torga, do programa Stricto Sensu em Letras: Linguagens e representações, da Universidade Estadual de Santa Cruz –UESC, Ilhéus-Bahia-Brasil.

aproximam os leitores e despertam o interesse dos interlocutores, porque são pequenos e utilizam a linguagem coloquial e marcas da oralidade, além de usar o humor. Características que facilitam a compreensão e contribui na construção da relação interacional entre locutor e interlocutor.

Essa relação constitui-se a partir das experiências sociais vividas pelo autor e também do uso das estratégias capazes de captar o interesse do leitor e sensibilizá-lo a ponto de despertar diversos sentimentos: ódio, paixão e evocar nos interlocutores lembranças recentes ou passadas.

E a busca para conquistar esse leitor perpassa por diversos campos discursivos, dentre eles, o estilo. Segundo Campos (2005, p.168) “o estilo de quem escreve inclui necessariamente o estilo de quem lê, embora o leitor – pessoa – possa conviver com uma construção imaginária – leitor-modelo – que leria, ainda, o texto de outro jeito.” O autor ainda diz que o jeito remete os leitores a evocar o estilo de outros autores e situações de escritas e leituras que estão atreladas ao projetor do leitor.

Essas situações de escrita e a construção estilística do autor entrelaçam ficção e realidade e o texto constitui-se como uma batalha comunicativa em que autor/leitor tornam-se oponentes ou aliados. As consequências dessa arena dependem basicamente dos objetivos traçados pelo autor e leitor. Esses fomentam os sentidos dos leitores, os quais imprimem as suas leituras no texto lido e concomitantemente relem o mundo que o cerca.

O texto é mediador entre autor e leitor e o estilo acompanha os interlocutores, os quais possibilitam outros leitores a outras leituras. Levy (1998, p.71) diz que “o signo participa do ser, e o ser do signo. Aqui, tudo nos fala. Cada acontecimento se constitui mensagem, e toda pessoa, mensageira”. Os leitores, assim como o autor, são seres imersos no mundo da fala escrita ou oral, os quais desempenham o papel comunicativo dialogando através de mensagens.

Portanto, como diz Carlos Drummond de Andrade no poema a “*Palavra Mágica*”,

Certa palavra dorme na sombra de um livro raro/Como desencantá-la?/É a senha da vida/a senha do mundo./Vou procurá-la./Vou procurá-la a vida inteira./no mundo todo./Se tarda o encontro, se não a encontro, não desanimo, procuro sempre./Procuro sempre, e minha procura ficará sendo minha palavra.²

E neste momento a minha busca com este artigo é procurar a palavra adequada que define o estilo, quais as marcas identificatórias do narrador que conduz ao leitor a tornar-se um aliado na arena das palavras e, sobretudo a partir do estilo impresso nesse texto alcançar um possível leitor. A metodologia empregada para esta análise é a bibliográfica, tendo como corpus os contos do livro e a natureza teórica do artigo compõe-se, principalmente de Bakhtin (2010); Campos (2007); Faraco (2009); Maingueneau (2011). No corpo do texto, discutimos a relação conflitante entre narrador e leitor; o estilo na obra “*Coisas da Vida*”; A obra e analisamos o miniconto “*A outra*”. Portanto, acredita-se que os traços marcantes do estilo contribuem diretamente para a formação de leitores reflexivos e críticos, uma vez que o narrador

² Texto disponível no site: ANDRADE, Carlos Drummond de. A palavra mágica. Disponível em: www.citador.pt/poemas/a-palavra-magica-carlos-drummond-de-andr. Acessado em: 24 jun.2012.

desta obra procura dialogar com o outro que pertence a contextos reais representados nos contos.

1. Narrador e leitor uma arena constante

As narrativas épicas apresentam batalhas homéricas. Nelas, a luta pelo poder e o domínio do espaço geográfico centravam-se como o principal objetivo dos líderes. Assim é a relação entre narrador e leitor, uma arena que envolve estratégias e a busca por um espaço, que não é o geográfico, mas o sociocomunicativo. E também não existem vitoriosos ou derrotados e, sim aliados à procura do prazer que a leitura desperta. O leitor encontra inscrito neste processo histórico-social e produz sentido, além do mais, interpreta a sua relação com o mundo.

O mundo do narrador e leitor encontram-se, e juntos produzem sentidos e histórias que transcendem os espaços geográficos, sociais e linguísticos. Pois, o texto é um diálogo que envolve contextos, o ficcional e a leitura. E nesta batalha, realizam-se ainda duas operações simultâneas do signo, que Faraco (2009) chama de reflete e refrata o mundo. Isto quer dizer que na obra *Coisas da Vida* o narrador coloca como pano de fundo a região, só que esse pano de fundo é uma verossimilhança da região cacauzeira. Então o narrador não reflete, ele mais refrata, porque é uma releitura, ou melhor, a realidade é reorganizada na obra. Essa realidade reorganizada produz valores sociais que Faraco (2009) diz que a enunciação corresponde a índices sociais de valor e possibilitam a ancoragem em diferentes quadros semântico-axiológicos, isto é, a partir do leitor os enunciados ganham valores que pertencem apenas ao universo do leitor e do narrador.

Os quadros semântico-axiológicos caracterizam-se no texto como uma via de mão dupla, a qual o falante/ouvinte exprimem os seus valores e emitem as suas impressões do mundo. Essas são carregadas de discursos, sentimentos e recursos linguísticos capazes de determinar o enunciado, o estilo e a composição do texto escrito/lido. Por isso que arena entre narrador e leitor encontra-se no universo da linguagem dialógica, uma vez que os lugares entre eu e tu são ocupados de diversas maneiras; às vezes o silêncio predomina, mas isto não quer dizer que não haja a responsividade, ou seja, a resposta, a conclusibilidade do enunciado abre-se a uma enunciação não cumpriu o seu papel social e linguístico. Bakhtin (2010, p.296) diz que “o falante com sua visão do mundo, os seus juízos de valor e emoções, por um lado, e o objeto de seu discurso e o sistema da língua (dos recursos linguísticos), por outro – eis tudo o que determina o enunciado, o seu estilo e sua composição”.

O enunciado na arena entre narrador e leitor configura-se como o responsável pela construção de enunciações, que correspondem à formação de identidades linguísticas, sociais e visões do mundo que pertencem não só ao universo linguístico e social dos sujeitos, mas também aos diversos espaços discursivos que os falantes estão imersos.

Para Eco (1983, p.55),

o texto está, portanto, entretecido de espaços em branco, de interstícios a encher, e quem o emitiu previa que eles fossem preenchidos e deixou-os em branco por duas razões. Antes de mais, porque um texto é um mecanismo preguiçoso (ou econômico) que vive da mais-valia de sentido que o destinatário lhe introduz, e só em casos de extrema pedanteria, de extrema preocupação didascálica ou

de extrema repressão, o texto se complica com redundância e especificações ulteriores – ao ponto de violar as regras normais de conversação. Em segundo lugar porque, à medida que se passa, a pouco e pouco, da função didascálica à função estética, um texto pretende deixar ao leitor a iniciativa interpretativa, ainda que habitualmente deseje ser interpretado com um margem suficiente de univocidade. Um texto quer que alguém o ajude a funcionar. (ECO, 1983 p.55)

Esse alguém é o leitor, o qual procura preencher os espaços vazios deixados pelo o narrador. E a partir dessa busca, constroem-se vozes que desencadeiam um embate entre narrador e leitor. Isto é, as impressões dos leitores transcendem a previabilidade do narrador e alcança um contexto que pertence apenas aos interlocutores.

Os enunciados possibilitam a origem de outros enunciados, que são produzidos por leitores, os quais pertencem à esfera da comunicação discursiva, e são os responsáveis pela inserção de outros sistemas de ideias. E o texto comporta esses enunciados que transcendem as expectativas do escritor/autor, o qual também não consegue impedir.

Odilon Pinto no livro “*Coisas da Vida*”, socializa aos leitores múltiplas situações em que norteiam discursos que pertencem ao campo da moral, da ganância, do egoísmo, da família, da política, entre outros. O livro compartilha experiências que condizem com a realidade de muitos indivíduos que vivem nas cidades circunvizinhas de Itabuna-Ba. Portanto, os contextos utilizados pelo escritor personificam histórias, entretanto, cabe aos leitores compactuar, refutar ou apresentar outras acepções acerca do conteúdo dos contos. Essas ações não são previsíveis pelo narrador, embora o contexto de produção e o texto acionem as experiências do narrador, as quais compreendem modos, estilos, temas, perspectivas presentes em sua época. Eco (1983,p.65) diz que “no texto de Wittgenstein não é mais do que um estilo filosófico e o Leitor-Modelo não é senão a capacidade intelectual de compartilhar deste estilo cooperando na sua actualização”. Assim como, no texto citado por Eco (1983), os minicontos odilinianos representam não apenas um estilo social de escrever, mas a refração de inúmeras histórias atualizadas a cada leitura, ou melhor pelo leitor.

As histórias odilinianas conduzem o leitor a refletir sobre as inúmeras situações do cotidiano, além disso, mobiliza no leitor sentimentos de ódio, alegria, tristeza. Por exemplo, a traição. Temática polêmica que possibilita múltiplas interpretações e refutações. Portanto, acreditamos que a finalidade do narrador seja apresentar ao interlocutor, conhecer as várias faces da traição. O conto “*A outra*”, por exemplo, evidencia as seguintes situações: os filhos sabiam da traição do pai; a ingenuidade da esposa; os vizinhos também sabiam da traição; a mentira; e a amante também sabia que o homem era casado.

Ao ler o conto, provavelmente a tensão discursiva constitui-se a partir do momento em que os leitores imprimem as considerações a favor do homem morto e outros refutam a ideia dos filhos em omitir a traição do pai para a mãe. Os significados são instituídos através das apreciações elaboradas pelos alocutários. Por conseguinte, os discursos moralistas ou imorais dependem da perspectiva adotada pelo leitor. São possibilidades permitidas na obra, porque o texto não é um produto acabado, mas um construído na interação entre narrador e leitor. E a linguagem media essa relação contribuindo para a construção de sentido. “O texto é de quem escreve: do autor. Mas não é bem isso: o texto é da relação de quem escreve com quem lê, pois os

interlocutores, como leitor, é, também, um agente que produz sentido, assim como o autor, ao ocupar a posição de locutor” (CAMPOS, 2007, p.2). O autor ainda diz que

do ponto de vista dialógico, o que se espera do locutor; quando assume a posição de linguagem identificada como *um*, é a construção imaginária de um alocutário, figurado na posição identificada como o *outro*. Desse modo, ao escrever; o locutor constrói com a linguagem não só a si, mas ainda o alocutário: o seu leitor. E assim fazendo, agindo com a linguagem, o locutor procura conquistar o seu alocutário, operando no sentido de fazê-lo ser o que está sendo imaginado pela posição daquele que figura como *um*: o locutor. Nesse caso, o locutor pode ser caracterizado como uma operação, ou estilo, de conquista do alocutário: uma estratégia textual de escrita que prefigura estratégias textuais de leitura. E esse, o alocutário, na posição que o figura como o *outro*, executaria, também operações de linguagem que se articulam naquilo que pode ser definido como estratégias textuais de leitura para a conquista do escritor como construção de linguagem articulada pelo leitor. (CAMPOS, 2007, p.3)

A linguagem odiliniana perpassa os diversos espaços ocupados pelo leitor, sejam eles, ontológicos e axiológicos, isto é, a história e os valores. Ambientes que são preenchidos a partir de um coloquialismo que relaciona obra e vida de inúmeros personagens. A articulação entre a vida dos personagens e linguagem figura na obra como uma estratégia textual que associa perspectiva do locutor e a sua busca constante de atender as previsões dos destinatários. E durante a batalha travada entre o narrador e o leitor os exércitos são desarmados, produzindo um diálogo que permite o interlocutor evocar lembranças e situações vividas e um estilo que marca toda a obra.

Portanto, a linguagem, o estilo e o contexto são estratégias que possibilitam a construção de um diálogo entre narrador e leitor, os quais imprimem na obra valores e sentidos condizentes ao universo social e linguístico que ambos pertencem. É por isso, que no texto a relação entre narrador e leitor constitui como uma arena constante.

3.O estilo na obra “Coisas da Vida”.

O estilo pertence ao homem, assim como, o estilo é o próprio homem. Essa premissa fundamentada nos estudos de Buffon citado por Campos (2005) resume bem o estilo de Odilon Pinto na “*Obra Coisas da Vida*”. O narrador utiliza marcas bem particulares do conto e imprime peculiaridades que transformam o ato de escrever em uma ação dialógica.

As marcas do narrador Odilon Pinto, são vistas no uso das aspas no lugar do travessão, a narração em terceira pessoa, a utilização do ponto de seguimento, da linguagem coloquial, do período curto e histórias verossímeis, um único parágrafo e diversos tipos sociais. Toda compreensão, interpretação destas marcas passa por uma especificação da alteridade a que remetem em função, de seu ambiente discursivo: por exemplo, uma outra língua, variedade de língua, um outro discurso diferente, um discurso oposto, etc. (AUTHIER-REVUZ 1990, p.30).

O ambiente discursivo é o social, isto é, as cenas ocorrem nas cidades que pertencem à região cacaueteira e a verossimilhança está presente, uma vez que os contos evocam nos leitores situações típicas do seu meio social. E neste, o narrador relata

histórias que pertencem ao âmbito do cotidiano. E ato de narrar o faz encontrar outras vozes indiciando identidade dos sujeitos que vivem na região sul-baiana.

Estilisticamente os diálogos construídos a partir do discurso direto são marcados por travessão, no entanto, o narrador marca as falas dos personagens através de aspas. Exemplo no conto o “marido” no diálogo entre o porteiro e dona Luzinete, o personagem diz por interfone: “Dona Luzinete, tem um homem aqui dizendo que traz notícias de sua família na Bahia.” [...] ordenou: “Mande ele subir!”. As aspas marcam as falas dos personagens em todos os 204 contos. O uso desse recurso linguístico, bem como de outros, a saber: períodos curtos, parágrafo único e dos pronomes pessoais do caso reto. É uma particularidade do narrador que contribui para a construção do seu estilo. Isto que dizer que o narrador tem a liberdade para utilizar os recursos da linguagem para atender a necessidade de prever o seu possível leitor. Como bem disse Compagnon (1999), “o estilo remete ao mesmo tempo a uma necessidade e a uma liberdade”.

Além disso, necessidade, porque são os recursos linguísticos que caracterizam a escrita do narrador e liberdade porque a linguagem permite aos interlocutores usufruir dos recursos de acordo a necessidade sociocomunicativa dos falantes/ouvintes. O estilo é que marca as características individuais e coletivas do narrador na obra, isto é, a preferência do uso de algum recurso linguístico e a interferência das experiências de vida.

O conto “o filho” o narrador relata a história de um casal. O marido deseja ter um filho e a mulher prorroga a chegada desse filho, porque pretende continuar na carreira acadêmica e por conta desse sonho mente para o marido que não toma mais pílula, mas a toma escondido. A leitura desse conto remete a diversos contextos, a saber: o da mentira, por exemplo, “O jeito foi mentir: tomar o remédio escondido e dizer a ele que tinha parado de tomá-lo. Vinha fazendo isso há dois meses.” (PINTO, 2004, p.45); dos anseios do marido e da mulher; e a representação familiar. Maingueneau (2011), diz que “o contexto *não é* necessariamente o ambiente físico, o momento e o lugar da enunciação.” Isto é, não são apenas os espaços geográficos que compõem o contexto, mas as intenções dos interlocutores, as pistas linguísticas e o conhecimento prévio e de mundo.

Os enunciados impressos pelos personagens do conto representam o lugar da enunciação família. Instituição constituída de valores e interesses pessoais e coletivos. E no conto o leitor-modelo ocupa esse espaço, porque a situação produz imagens condizentes à realidade que o cerca e ativa também o conhecimento enciclopédico dos interlocutores. E o estilo do narrador transcende ao individual e alcança o coletivo. Atende as expectativas do leitor empírico projetado pelo autor. Compagnon (1999), “inevitavelmente o estilo tem dois aspectos, um aspecto coletivo e um aspecto individual, ou um lado voltado para o socioleto e um outro para o idioleto.”

Aspectos que não seguem ao valor normativo e prescritivo do estilo, tampouco dos desvios ou gênero, e sim uma conjectura representativa da cultura de valores nos aspectos sociológico e antropológico. São dois espaços comunicativos que estão em jogo, o primeiro concebido pelos valores culturais e sociais do narrador, os quais são impressos no texto. E outro, pelo leitor, o qual apreende o que está posto e emite o subentendido através das características ontológicas e axiológicas que o constituem.

Isto que dizer que a cultura e os valores sociais dos interlocutores compreendem o sentido do texto, assim como a historicidade de ambos. Nos contos alguns valores culturais estão presentes a exemplo: a reza de ladainhas e terços nos velório. “Mulheres

dentro de casa, puxando terços e ladainhas; homens espalhados em rodas de terreiro, só os vultos na lua crescente, o litro de cachaça correndo de mão em mão”. (PINTO, 2004, p.43). Nesse fragmento encontramos dois aspectos culturais que pertencem ao espaço sociocomunicativo dos leitores da região cacaueira. A primeira, é a reza de terços e ladainhas nos velórios e a segunda o consumo de bebida alcóolica.

Além da utilização de elementos culturais o narrador usa alguns recursos linguísticos para compor o seu texto e estabelecer uma comunicação que facilite na compreensão do leitor. A exemplo, do uso dos pronomes pessoas “ele e ela” no início de períodos, ou em alguns momento no lugar do pronome oblíquo. Por exemplo: “Ela era a moça mais bonita de Ibicaraí, com a pele alva de porcelanas e os cabelos pretos como a noite. Eles eram dois jovens dos mais ricos. Márcia, o nome dela”(PINTO, 2004, 12). O uso desses pronomes quebram a rigidez do texto e facilita a comunicação entre narrador e leitor, uma vez que os sujeitos sempre usam na oralidade. Bakhtin (2010) disse que a escolha dos meios linguísticos e dos gêneros de discurso é determinada pelas ideias do sujeito do discurso centradas no objeto e no sentido. Segundo o autor é o primeiro momento do enunciado que determina as suas peculiaridades estilístico-composicionais.

O conto caracteriza-se pela objetividade, a facilidade da linguagem e os contistas sempre buscam apresenta aos leitores algum aspecto da sociedade. O gênero é predominantemente social. Essa predominância também está presente nos 204 contos da obra “*Coisas da vida*, e contribui para estabelecer laços estreitos entre o falante e ouvinte.

Os leitores visualizam as suas histórias no interior da história lida. Assim, a relação responsiva realiza-se internamente, ou seja, as respostas são emitidas a partir da exposição das apreciações realizadas pelos leitores. Bakhtin (2010, p.301), afirma que “cada gênero do discurso em cada campo da comunicação discursiva tem a sua concepção típica de destinatário que o determina como gênero.”

O destinatário a que pertencem os 204 contos da obra “*Coisas da vida*”, é o homem ou mulher em diversas situações, isto é, família, festa, velório, briga por herança. O narrador traz à tona a partir do gênero conto representações sociais do cotidiano do indivíduo que vive na região cacaueira, perspectiva local, como são histórias comuns alcança também leitores de outras regiões ou do mundo. A verossimilhança na obra caracteriza-se como algo distintivo do narrador, bem como, a concepção de linguagem como um produto inerente a comunicação humana e responsável para estabelecer relações ontológicas e axiológicas dos indivíduos. Para Bakhtin (2010, p.297), “cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva.”

A obra “*Coisas da Vida*” representa as ordens da realidade discursiva apontada por Maingueneau (2011), pois os processos reais e os menos reais constituem os discursos e representa inúmeras vozes que ecoam nos diversos ambientes sociais.

4. A obra

A obra “*Coisas da Vida*” constitui-se de 204 minicontos, dentre eles: A outra; Os rivais; Herança; O crime compensa; A enfermeira e Hospital de Base. Discutem as inúmeras situações do cotidiano. A partir de uma linguagem coloquial o narrador toma

mão de contextos verossímeis, ou seja, os lugares citados e as situações, a exemplo, de Itabuna, Ibicaraí, a morte do funcionário da Ceplac, o hospital de base, dentre outros, fazem parte da realidade de muitos leitores.

De acordo a Gaspareto (2001) editor da obra “*Coisas da Vida*”, os textos são resultados de experiências que emergem na sutileza do cotidiano e representam o amadurecimento de um homem, consciente de seu lugar e de tempo. Maingueneau (2001) diz que a escrita envolve a vida e a vida envolve escrita. Acreditamos que os contos odilínianos representam a vida de um narrador que imprimiu em seus textos experiências ou relatos de causos do cotidiano da região.

Maingueneau (2001, p.46) disse que,

na realidade, a obra não está fora de seu “contexto” biográfico, não é o belo reflexo de eventos independentes dela. Da mesma forma que a literatura participa da sociedade que ela supostamente representa, a obra participa da vida do escritor. O que se deve levar em consideração não é a obra fora da vida, nem a vida fora da obra, mas a sua difícil união. (MAINGUENEAU, 2001, p.46)

Assim, os minicontos odilínianos apresentam essa difícil união, porque os textos ficcionalizam a realidade de muitos leitores que vivem na região cacauzeira e evoca inúmeras lembranças. A obra impressiona pela a utilização de um contexto tão presente do possível leitor que é como se o narrador fizessem parte da vida de todos leitores. O uso dos mecanismos linguísticos, a exemplo, as aspas, as marcas da oralidade, o uso dos pronomes pessoais, um único parágrafo etc. São elementos que contribuem para compreender a riqueza literária da obra.

Além disso, os títulos dos minicontos indicam ao leitor a possível situação que será tratada no miniconto, por exemplo, rivais. A leitura desse título remete a conflito entre dois personagens, resta saber qual é o tipo de intriga que estabeleceu uma rivalidade. A partir do título o leitor sente-se interessado em ler a obra e descobrir o porquê de tanta rivalidade. Esses traços contribuem para a consolidação de uma obra que alcança a todos os leitores, dos mais letrados ao menos letrados. Vamos para a análise de um dos minicontos.

5. Análise do miniconto “A outra”.

O título “*A outra*”, nos faz lembrar de traição e das situações embaraçosas que os indivíduos vivem a partir do momento que se envolve com duas pessoas ao mesmo tempo. O narrador do miniconto “*A outra*” relata a história do personagem Alcides Barreto, homem que trabalhava em uma instituição pública chamada Ceplac e que faleceu aos 67 anos. E entre inúmeras visitas, uma chamou bastante atenção dos indivíduos que prestavam a última homenagem. Entra no velório uma mulher chorando e gritando bastante. “Eu tenho direito! Eu tenho direito também! Me deixe entrar!”. O enfático representado pela repetição do “eu tenho direito” e também do ponto de exclamação marcam uma estratégia que conduz ao leitor a imergir no universo desesperador daquela mulher que necessitava vê o amante pela última vez. E também se perguntar: Realmente tem o direito? Uma vez que sabia da sua condição. Essa é uma resposta que pertence ao leitor, pois depende dos fatores culturais e sociais o qual esse sujeito está envolvido.

A jovem que a acompanhava, a qual o narrador diz que parecia ser a sua filha, dizia insistentemente “Vamos pra Casa mãe! Vamos voltar!” . A incerteza apontada

pelo narrador confirmar-se com o uso da expressão “mãe”. Percebe-se também o discurso do medo, da vergonha, do conflito com a esposa a partir da constatação e a comprovação da existência de uma amante.

No entanto, a mulher continuava a gritar “Cid! Por que você deixou a gente? Por que, meu filho?”. As perguntas, assim como a utilização do apelido e da expressão “meu filho” caracterizam formas de carinho, insatisfação e também a importância daquele indivíduo na vida daquela mulher. E nesse momento os filhos da esposa, a conduziram para um canto da sala e logo após tiraram a amante da sala. E o miniconto encerra com a fala da esposa: “Todos gostavam dele na Ceplac”. O desfecho final do miniconto caracteriza a falta de conhecimento da personagem e também que provavelmente, assim como, o personagem Alcides morreu também a traição.

No miniconto o narrador utiliza as aspas para marcar a voz do personagem e também explicitar discursos que pertencem apenas àquele ambiente, a exemplo, família, traição e o desespero dos familiares perante a morte. A utilização dos artigos, bem como, dos marcadores discursivos caracterizam a presença de um narrador observador e a progressão temática da narrativa.

Esses mecanismos linguísticos conduzem ao leitor a penetrar no imaginário do narrador e a apropriar-se de discursos que muitas vezes pertencem ao seu contexto ou refletir sobre as diversas situações que desencadeiam a problemática da traição. Por exemplo, porque os filhos preferiram ficar calados? E por que a amante preferiu ir ao velório, mesmo correndo o risco de apanhar ou ser escorraçada da residência? E a mulher, realmente não sabia da existência da amante? São lacunas que fica a cargo do leitor preencher. Pois, são respostas que depende do ponto de vista, do conhecimento de mundo e da compreensão dos interlocutores.

Portanto, os elementos linguísticos contribuem para a orientação discursiva no miniconto, assim como, proporciona um ritmo, tensão, humor e discute aspectos morais e sociais.

6. Considerações finais

Diante do exposto, a relação narrador e leitor constitui-se uma arena constante, porque a todo momento o narrador está utilizando estratégias para conquistar o seu possível leitor. E dentre essas estratégias estão: o estilo e os mecanismos linguísticos. Na obra “Coisas da Vida de Odilon Pinto”. Esses dois aspectos estão presentes e contribuem para a construção da orientação discursiva e também caracterizar os traços individuais do narrador.

A linguagem e as marcas da oralidade, assim como o uso das aspas cooperam para a construção dos discursos que norteiam toda a obra. Esses atravessam a obra de modo que os interlocutores sejam inseridos no contexto ficcional. Outro aspecto interessante na obra é a utilização de contextos que pertencem ao leitor da região cacaueteira, a saber: lugares e situação do cotidiano que condiz com a realidade de muitos leitores.

Por fim, analisar a obra “Coisas da Vida” sob a perspectiva da dialogia bakhtiniana constitui uma busca que nos faz vê o estilo odiloniano representado pelas marcas linguísticas, sociais e morais impressos no texto. Essas contribuem para produção de sentidos, tanto pelo narrador, quanto leitor; para que os interlocutores preencham os vazios deixados pelo narrador; e também para validar a premissa de que o texto é um mediador entre narrador e leitor.

7.Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. **A palavra mágica**. Disponível em: www.citador.pt/poemas/a-palavra-magica-carlos-drummond-de-andr. Acessado em: 24 jun.2012.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). Trad. Celene M.Cruz e João Wanderley Geraldi. In: Orlandi E. e Geraldi, João W.(orgs). **Cadernos de estudos linguísticos: O discurso e suas análises**. Campinas (SP): Unicamp, julho/ dez/ 1990.

BAKTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. 5^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

CAMPOS, E.N. **A dimensão dialógica da linguagem**. São João Del-Rei: Vertentes, v.30, p.191-201, 2007.

-----Texto e interação: o estilo – estratégia textual.In: Ana Maria Clarck, Sérgio Alves Peixoto, Silvana Maria Pessoa de Oliveira (orgs). **O estilo na contemporaneidade**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005.

COMPAGNON, Antoine. O demônio da teoria: **literatura e senso comum**. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

ECO, Umberto. **Leitura do texto literário**. Lector in fabula. Lisboa: Editora Presença. 1983

FARACO, Carlos Alberto. Linguagem & diálogo: **as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola, 2009.

LEVY, Pierre. **A inteligência coletiva. Por uma antropologia do ciberespaço**. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 1998.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Trad. Cecília P. de Souza e Silva, Décio Rocha. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____.O contexto da obra literária: **enunciação, escritor, sociedade**. Trad. Marina Appenzeller. 2º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PINTO, Odilon. **Coisas da Vida**. Itabuna-Ba: Via Literarum, 2004.